

Três contos de João Peçanha¹

Manual prático de lapidação

O cigarro queima no cinzeiro sobre a pia, bordas amareladas, quando ele passa a mão no cabelo naquele gesto típico de desespero vê que está suja de sangue, os dedos dele, unhas, para que servem minhas unhas, roía-as compulsivamente, o que eu faço, o que eu faço, ele perguntava, pela esquadria de alumínio a noite quieta lá fora, nunca tinha se metido em enrascada tamanha, o corpo de Bruno esfriava no chão da cozinha, uma poça escura de sangue se alastrava, parecia o mapa de Minas Gerais, por que a porra do revólver disparou, se perguntava, e, unhas, unhas com gosto de sangue, roía, sangue no chão, meu sabugo sangra, Minas Gerais, abriu o armário embaixo da pia para pegar a garrafa de conhaque que usava para temperar carnes, não estava ali, lembrou-se que tinha deixado na sala, ao lado do porta-incenso, encheu um copo, o conhaque ardeu passando pela garganta, esquentou tudo, fez cara ardida, outra dose, pensou voltando para a cozinha, desviou-se da poça, que merda, Bruno, por que você inventou de morrer, pensou, olhando de esguelha para o corpo na cozinha, balançou o braço esquerdo e expulsou o relógio para fora da manga do casaco: quatro da manhã, a esta hora era para Bruno estar pegando a porra de um avião de volta para São Paulo ou dormindo ou fodendo qualquer garota de boate, o que fazer, o que fazer, calma Giba, calma, você precisa de outro trago, unhas, roeu a do dedo médio, brotou um sangue vermelho do sabugo, o terceiro trago passou redondo pela goela,

olhou para a poça de sangue, agora estava mais se parecendo com o Piauí, compriiida, riu da bobagem, o Piauí ainda existe, se perguntou, caralho, o sangue está escorrendo para a sala, o carpete vai manchar, um pano, rápido, Giba, onde você tem um pano de chão, perguntou-se sussurrando, na área de serviço, esbaforido, fez cara de nojo, o pano de chão estava cheio de vômito no fundo do balde desde três horas atrás, quando a Camila chegou, ele fechou os olhos suspirando, eles tinham saído de uma festa e ela tinha bebido além da conta, ele se aproveitou da situação e a trouxe para o apartamento, depois de anos vou comer a Camilinha, chegaram, ele quase carregando a moça de tão trôpega, ela pediu um drinque, ele achou engraçado porque só ator americano em dublagem classe B pede um drinque, mas mesmo assim foi no armário embaixo da pia e pegou aquela garrafa de conhaque que usava para temperar carnes, encheu um copo grande de uísque, altos, o copo e eles dois, a Camilinha estava com um vestido de alcinha, ela bebeu a dose de uma golada só, arregalou os olhos, mundo suspenso, e vomitou no carpete da sala, deixa que eu limpo, ele disse acalmando a moça e pensando que aquela mancha não sairia nunca mais, troféu, ai que vergonha, não liga Camilinha eu já volto, foi na área de serviço e pegou um pano de chão, esfregou rápido, fotografando as panturrilhas de Camila para futuras referências, correu para a área, jogou o pano vomitado no balde e voltou apressado, ele sempre teve preferência por vestidos de alcinha, vencida a alcinha, tudo poderia acontecer, me dá outra dose, você já passou mal, é pra tirar o bafo, ele encheu meio copo e ela tomou de uma talagada só, aproveitou a boca ainda ardida de conhaque dela e a beijou, coloca Diana Krall, ela pediu, e ele se entusiasmou porque, além de gostosa, a Camilinha tinha bom gosto, acendeu um incenso de canela, alguém já tinha dito a ele que incensos de canela eram afrodisíacos, sem perceber a aproximação dela, que chegou por trás dele enquanto ele acendia o incenso afrodisíaco e o abraçou, as duas mãos dela trançadas no peito dele, beliscou o mamilo dele, ele não gostava que beliscassem o mamilo, mas Camilinha podia tudo, pegou a mão esquerda dela e desceu, passou as duas mãos dele

por trás dela e espalmou aquela bunda redonda, suspiros, virou-se, ficaram de frente, peitos duros encostando-se no peito dele, olhos no decote, ela desfivelando o cinto dele, alcinhas, ah as alcinhas, puxou uma para cada lado e o vestido deslizou para o chão feito anúncio de depilador feminino, que tesão a Camilinha, ela sorriu suspeitando seus pensamentos e estreitou os braços para espremer e arredondar mais os seios para ele, abraçou-a pela cintura, ela disse, espera, afastou-se para dar espaço para abrir a braguilha dele, a calça caiu no chão feito anúncio de alguma coisa de que ele não se lembrava qual, devia ser uma péssima propaganda, língua na orelha dele era outro item que o desagradava, mas Camila, ele repetiu arfante, pode tudo, tudo não que eu não deixo, ela respondeu, ele se sentou no móvel da sala sem entender o que a moça havia dito, encostou no incenso aceso, ai, o que foi, nada, diz, nada, você sabe como se faz para lapidar um diamante bruto, ela perguntou, para quê você quer lapidar um diamante, ele respondeu perguntando, ela disse, só queria saber como se faz, sempre quis aprender, e se abaixou para tirar a cueca dele e não se levantou mais, ele fechou os olhos e no meio do primeiro gemido ouve alguém dizer, que porra é essa Giba, abre os olhos, a luz da luminária da sala como flash, aperta os olhos e olha na direção da voz, Bruno, diz surpreso, ai meu deus, sussurrou Camila, se ajeitando, que porra é essa Giba, berrou Bruno, cadê a minha bolsa, perguntou uma Camila assustada, ele percorre o ambiente e acha a bolsinha também de alcinha jogada perto da porta da cozinha, vai até lá e a joga para Camila, como assim, ele respondeu para Giba, ainda meio tonto, enquanto Camila se vestia e zunia descalça mesmo pelo corredor, você sabia que a gente estava juntos, acusou Bruno embolando as palavras, dando-lhe um tranco no peito e quase jogando-o em cima da pia da cozinha, confusão e conhaque, a gente quem, eu e a Camila porra, a cozinha potencializava os gritos de Bruno, eu não sabia eu juro, ele disse desculpando-se e percebeu que sua voz também ecoava nos ladrilhos, eu preciso de um cigarro, pensou ao mesmo tempo, sempre fumava quando não sabia o que fazer, e Bruno gritou mais ainda, não

sabia é o caralho, e ele viu o revólver na mão de Bruno, você não vai, não vou é o caralho traidor filho-da-puta, pára de apontar esse revólver, Bruno, alguém pode se machucar, filho-da-puta, cara a gente se conhece desde a quarta série, já entramos numas frias juntos, comemos, namoramos e trocamos um monte de meninas, mas a Camila não podia, por que cara, porque eu tô parado na da Camila, disse Bruno, você tá gostando da Camila, ele perguntou sem acreditar, tô, cabeça baixa e um tanto melancólico, você não podia ter feito isso com o seu parceiro, disse Bruno, apontando o polegar para o peito, ao mesmo tempo que puxava o cão da arma para trás, pára com isso Bruno!, ele disse, e pegou o mixer que usava para bater massa de crepe e acertou a testa de Bruno, a partir deste momento as coisas aconteceram como flashes, ele se sentiu num filme policial, os dois engalfinhados, a arma entre os dois, na cabeça dele de agora, se lembrando, entrava até uma trilha sonora com uma guitarra nervosa, o cheiro de bebida no hálito de Bruno, o disparo, Bruno cai, a arma cai junto e escorrega para debaixo do freezer, ele volta a abrir os olhos e vê que o pano de chão no fundo do balde está com cheiro do vômito de Camila, abre a torneira do tanque, lava, cheiro ruim, joga sabão em pó, esfrega, preciso de outro cigarro, onde estão os meus cigarros, fecha a torneira e cheira o pano, está passável, vai até a cozinha e se encosta no batente da porta roendo o sabugo do indicador, pela esquadria a madrugada vai virando dia e o espelho d'água da enseada de Botafogo vai se pintando de abóbora, ele desconsolado, lamentando que nunca mais teria outra oportunidade de comer a Camilinha e vendo que a poça de sangue agora mais se parecia com o Amazonas de ponta-cabeça, sendo que o Acre entrou pelo carpete da sala, e pensa, será que isso nunca vai ter um ponto final.

Só Fausto me tira para dançar

Ela encontrou o único bilhete, depois de duas semanas sem notícias. Como sempre, sobre a arca de jacarandá da sala de estar em estilo clássico, a letra garatujada e apressada do pai:

Volto de viagem para o seu aniversário.

Tente encontrar mamãe.

Te amo.

Amassou o papel entre pesarosa e incrédula, lembrando-se de que precisava alimentar os peixes, únicos habitantes vivos não remunerados daquela casa ancestral e suas paredes silenciosas. Lembrando-se também que não é sempre que se faz quinze anos e que não é sempre que corre-se o sério risco de não estar com os pais num dia como esse. Costumes, Ilda, costumes.

À tarde, pegou-se escrevinhando ansiosa numa folha de papel nomes de pessoas que queria que estivessem em sua festa. Pessoas mortas e distantes - as mais desejadas e ansiadas - foram as primeiras riscadas da lista, numa peneirada que faria mais tarde. Listou colegas de escola, pessoas com quem esbarrava, mesmo que sem trocar palavra, durante as idas e vindas à escola. Poucos primos espinhentos e primas de seios exibidos a comensais invisíveis e tios beberrões e tias fofoqueiras e tias-avós resistentes ao tempo foram pouco a pouco compondo uma lista de convidados que em nada a apeteçiam, mas que se tornavam cada vez mais necessários para ela. Terminou a lista e, minuciosa, relatoriou-a ao espelho atencioso da penteadeira, herança da última avó que morreu. A morte acompanhava aquela família, tramando no entanto uma ilha de vida naquela casa, habitada por Papai, Mamãe e Filhinha – todos vivos, saudáveis e longínquos um do

outro. A voz ela fazia, enquanto lia em voz alta a relação de convidados para o espelho, monocórdica como que para não acordar os ecos da casa também atenciosa nos seus silêncios e corredores e tapetes e móveis e camadas de cera e lufadas de vento. O vento, aliás, ocupa os espaços que os humanos não ocupam, pensa, silenciosa em seus barulhos internos.

Ligou encomendando os convites e foi tratar do resto: comidas, quitutes, bolinhos, refri, cerveja, vinhos e, claro, o bolo. Um bolo que deveria ter a dimensão da falta que sentia de gente nos corredores da casa. A falta de gente nos corredores de Ilda. Um bolo branco e alegre, doce e confeitado, flocos de chocolate por fora, cerejas, chuviscos espetados nas pontas e fios de ovos nevando-o por cima. Um bolo para que todos o levassem consigo em pacotes prateados amassados, aeronaves siderais, levando também, oferecida, pedaços da moça de quinze anos e seus peitinhos empinados e intocados. O moço confeiteiro assegurou-lhe que o bolo chegaria no horário programado.

O outro item da angústia de Ilda era o vestido. Como o bolo, deveria servir para oferecê-la ao distinto público como o prato principal – afinal de contas, para quê servia uma festa de quinze anos de moça, a não ser para mostrar a aniversariante como uma xoxota pronta, uma boca atenta, uma mulher preparada? Ali, Ilda estacou, nervosa: como seria o vestido? Branco? Não seria demais? Mas que cor combinaria para um aniversário de quinze anos?

Dias depois, passando lépida pela arca de jacarandá, leu outro bilhete, agora letra da mãe:

Estou presa com o pessoal da pesquisa.

Vim pegar algumas coisas e só volto depois do aniversário.

Tente encontrar papai.

Te amo.

Mamãe não daria pitacos para o vestido, portanto. Tinha que se virar sozinha, coisa que não representaria problema: algumas ligações e

alguém viria medi-la centímetro por centímetro e o vestido estaria pronto. Menos um item na lista de angústias de Ilda.

Bibliotecas faziam-na lembrar-se do pai: óculos na ponta do nariz adunco, taça de vinho na mesinha à esquerda, abajur ligado, um Goethe de brochura dourada e bem acabada, aberto e equilibrado na mão gigantesca de dedos grossos e coalhada de veias salientes, a fumaça azulada do cachimbo, incêndio azul cheirando a chocolate e canela, o tec-tec do pai batendo o cachimbo no cinzeiro guloso de restos, o cheiro de mel que saía da caixa de cachimbos de diversos tamanhos, formatos e nacionalidades. Abriu a porta da biblioteca e, pela primeira vez na vida, entrou ali sozinha: livros, cheiro do pai, livros, pai e livros. Luzes em nespas rebeldes entrando pelas janelas altas e sólidas. Cheiro de limpeza, de tabaco e de falta de gente, como o resto da casa. Como Ilda. Ilda percorrendo as lombadas dos livros com o indicador, curiosidade tátil, viajando em histórias conhecidas, conspurcando a paz de traças combatidas e renitentes e dividindo com elas todas aquelas vidas, contidas em cada romance, resumidas em cada poema, confessadas em cada livro de memórias. Ao mesmo tempo algozes e companheiras, Ilda e as traças comedores de livros e histórias. Ao mesmo tempo iguais e diferentes. Elas, irmanadas no carcomer instintivo; ela sozinha, invejando-as, desejando se alimentar de vidas e não de ausências e de ocos na alma. Tirou *Fausto* de uma das prateleiras e lembrou-se de Goethe e lembrou-se do pai e lembrou-se do cachimbo, cheiro adocicado, chocolate, meu deus, o bolo, o bolo, será que ficaria mesmo pronto?

Minha filha, não chegarei a tempo para a festa.

Veja se mamãe pode te ajudar nos preparativos.

Te amo.

Também na arca de jacarandá, outro bilhete:

Ilda, não entendo o seu pai.

*Me ligou pedindo para que eu a ajudasse com a festa.
Ele nunca deu importância ao que eu faço mesmo, você sabe.
Tente convencê-lo a pegar um avião.
É mais simples para ele.
Te amo.*

Ilda fecha os olhos, espreme a lágrima inútil. Sua lista de angústias estava completa: o confeitiro ligou confirmando a remessa do bolo para aquela tarde, já que a festa estava marcada para a noite; o vestido, uma gracinha, acentuando ancas e seios e bundas e cinturas, colo generoso; os comes e bebes, tudo.

Os olhos desapertaram-se, depois da tentativa com sucesso de reter o choro, e deram com algo que paralisou as pernas de Ilda. Coração disparado e dor finalmente brotando dos olhos desapertados, ela viu estarecida a caixa de papelão cuidadosamente arrumada e papel-crepada, deixada por descuido ao lado da arca de jacarandá, letras azuis com o nome da gráfica: os convites. Ela não os remetera. Por uma armadilha curiosa e vingativa, inveja de Mamãe, descuido de Papai, inépcia de Filhinha ou tudo isso junto, os convites, virgens como a aniversariante, inertes e inúteis ainda descansavam ali no canto, carimbando provavelmente um retângulo no tapete milionário e irmão de ventos e corredores.

Uma calma virou posseira de Ilda, calma que ela conhecia desde sempre e para sempre e que se parecia com tudo aquilo com que sempre se deparara na sua convivência com o não-gente.

Sobre a arca de jacarandá, dois enormes embrulhos de presente.

Noite. Strauss tocando poderoso pelas caixas de som da biblioteca e, no centro dela, sob o castiçal que lembra chuva de cristais, uma Ilda igual a sempre, vestida no vestido de se oferecer ao mundo mas desoferecida, guardada, gaveta de si mesma, olhos fechados, sonha agora com corredores e ventos, esses sim amigos inseparáveis e necessários, e dança, baila como doida, abraçada com Fausto, o único homem de sua vida, apresentado a ela por Papai, sendo enfim amada e

desejada por Fausto, repleta de Fausto, e sentindo à sua volta invisíveis olhares invejosos, as taças retinindo em sua cabeça, as risadas, o cheiro do tabaco, o chocolate, o doce, as cerejas e os fios de ovos despencando como cascatas de vida no oco eterno do grande salão de baile.

Cinema mudo

O mundo, pouco a pouco, vai se tramando e a cena é de um ônibus urbano: pessoas por todos os lados, cheiros de um dia inteiro de trabalho habitando sovas e bocas, sacolas de compras no corredor dificultando ainda mais o trânsito dentro do coletivo, um moço que entra pela porta da frente e começa seu discurso de vendedor, alertando que não estava ali para roubar, que na padaria seu produto custava um tanto, mas que com ele não, com ele o mesmo produto custaria menos da metade do preço, vai freguesa? O motorista faz questão de acelerar o máximo que pode, supostamente testando a capacidade dos passageiros de se equilibrarem e vencerem a inércia.

Um calor abusado, mesmo sendo quase sete da noite. À minha frente, sentados no banco de napa furada, um homem e uma mulher, ambos rondado os vinte e poucos; ela por vezes pende a cabeça de um lado a outro, evitando o que pode o cochilo; ele, celular entre as mãos, entretido com um joguinho bobo de uma cobra que fica comendo coisas pelo caminho.

O vendedor pede ao motorista que pare o ônibus e salta, não sem antes jogar um saquinho de balas no painel do ônibus. Agradecimento.

Pressinto a modorra que sempre vem quando volto do trabalho. É como se essas viagens diárias fizessem parte de um filme em que eu sou um observador inerte e distante.

Tem acontecido todos os dias. Como um desmaio, como se eu me ausentasse de mim, como se o mundo de repente perdesse a capacidade de emitir sons e eu apenas estivesse ali mas sem escutar nada. Posso antecipar que daqui a pouco vai acontecer de novo. Que os sons paulatinamente desaparecerão, restando em minha cabeça só um marejar, um rumor regular e indefinido, sem origem distinta. Talvez seja o som dos líquidos percorrendo meu corpo. Os sons de meu corpo insistindo em viver. Acontece todos os dias assim que anoitece e, invariavelmente, nesta hora eu estou num ônibus maldito como este,

balançando cansado e pendurado na barra metálica morna e emplastrada de gordura de outras mãos.

O celular do homem sentado no banco à minha frente emite um som que chama a minha atenção e eu vejo no mostrador do aparelho que ele perdeu o jogo, permitindo que a cobra comesse a si mesma. Bela analogia para todos neste ônibus. Ele guarda o celular no bolso traseiro do jeans e olha acintosamente para os seios da moça a seu lado, ladeados pelo algodão da blusinha barata. Ela percebe o olhar quase sólido tocando-lhe os peitos e respira fundo, fazendo com que os dois montículos, armados pelos dois bicos de seio que despontam da blusa, desenhem um traço vertical. Ele fala alguma coisa e ela o ignora.

Como os surdos. Uma pessoa surda deve escutar este som que já começou em minha cabeça e que, em poucos minutos, tomará conta de tudo e o mundo passará a ser apenas um filme mudo, restando a mim aceitar passivamente ser espectador único e cativo. Dou um soco na barra de ferro e a senhora rechonchuda em pé ao meu lado me olha, como quem pensa: esse aí está pior do que eu.

A moça cede enfim ao olhar insistente do homem a seu lado e diz algo - provavelmente do tipo *você sempre toma esse ônibus?*. Ele responde alguma coisa e se ajeita no banco, encostando-se mais nela e espremendo-a na fórmica azul claro que emoldura a janela do ônibus. Ela não impõe qualquer resistência. Coxas coladas, os bicos dos seios apontam ainda mais, o que me leva a olhá-los mais detidamente e perceber que são de fato atraentes.

Penso em Ana Luiza e nas tardes sonolentas de sexo e preguiça, e então fecho os olhos, para que a ausência do mundo se torne completa. Não quero mais estar aqui. Prefiriria me uterar num mato qualquer, criar galinhas e morrer solitário, surdo e sem lembranças. Por quê, meu Deus?

O ônibus segue célere pelos subúrbios e vai aos poucos se esvaziando. Vaga um lugar no lado de lá do corredor e num salto me instalo ali, conseguindo um excelente ponto de observação. Vejo o rapaz pousando a mão direita na perna da moça e ela permitindo, tremurosa.

Ele a beija no pescoço e ela se encolhe, desenhando uma carinha tímida e bastante conveniente. Ele passa o braço por cima dos ombros da moça e eu posso ler seus lábios, desejosa: *gostoso*.

Oito anos atrás. Eu saltando do mesmo ônibus. O maldito. Na época, tinha começado num emprego de locutor de loja. Ficava o dia todo berrando num microfone de som arranhado as promoções imperdíveis que a loja oferecia. Como era meu primeiro dia, tinha perdido a voz de tanto berrar naquele maldito microfone vagabundo. Não tinha sabido poupá-la e, no final do dia, falei por gestos com o gerente da loja que não dava mais, que a voz já tinha ido embora, que no dia seguinte eu não daria conta do recado. Ele me deu um tapinha amistoso nas costas e me disse para ir para casa, que chá de romã é ótimo, que ele já tinha passado por isso e tal e que amanhã eu estaria tinindo de novo.

O casalzinho está num amasso de fazer inveja e eu me excito com isso. A ausência de sons do mundo me facilita a concentração, e eu me vejo ali ao lado da mocinha, minhas mãos acariciando os seios redondos dela como as dele o fazem. Quase consigo sentir o perfume no seu pescoço - um perfume doce que pouco me agrada, mas que seria um perfume que Ana Luiza gostaria de usar. Ela tinha um péssimo gosto para perfumes. Somos só eu, o casalzinho e duas mulheres gordas no ônibus que se esvazia depressa. O motorista ajusta o retrovisor e lança um olhar excitado para o casal em chamas.

Saltei no ponto e caminhei os dois quilômetros até o conjunto habitacional de casas que se pareciam com peças de dominó: uma depois da outra, coladas, iguais, perfeitas e lineares. Me davam a sensação de que quem morava nelas se tornaria, mais cedo ou mais tarde, tão igual quanto: pares, não identificadas, permanentes. Chegando em casa, percebi que tinha esquecido as chaves, merda! Ainda procurei nos bolsos mais uma vez. As chaves não estavam ali. Tentei chamar Ana Luiza mas me lembrei que estava sem voz e resolvi circundar a casa e bater na vidraça do quarto dos fundos, onde ela passava os dias costurando.

Escutei vozes que vinham do quartinho. Olhei pela vidraça e engasguei com a minha respiração: Ana Luiza estava embaixo do corpo

de um homem que a socava com voracidade. A cama de armar que era usada pela mãe de Ana Luiza quando vinha nos visitar sacudia ferozmente e dava a impressão de um desmonte iminente. Pelo chão, havia carreteis, potes de agulhas e pedaços de tecido espalhados. Ainda consegui escutar ao longe o som dos gemidos de Ana Luiza, antes de vomitar no canteiro de flores.

As duas mulheres gordas saltam do ônibus e o motorista acelera, sabendo que daqui a pouco estará livre. Provavelmente esta é sua última viagem. Depois dela poderá ir para casa, foder sua mulher e dormir no sofá, arrotando a cerveja morna que tinha bebido no botequim da esquina, enquanto esquadrinhava as ancas da mulatinha gostosa que sempre ia àquela hora comprar um maço de cigarros de filtro branco.

Toco o sinal e me levanto, percebendo em mim uma ereção violenta, ocasionada pela atuação do casal, que também se levanta e fica na minha frente, esperando que o ônibus pare por completo. Aproveito para me roçar de leve na moça, que se vira, me olha de alto a baixo e se apruma, zangada. Saltamos os três e, de propósito, caminho mais lentamente que eles, olhando a bundinha da moça. Ele enfia a mão no bolso traseiro da calça dela. Eles se distanciam um pouco mais de mim e eu os perco de vista quando dobram uma esquina.

Eu não conseguia falar uma palavra sequer. Queria berrar, queria entrar na minha casa e, com voz de macho, expulsar o macho que comia minha mulher. Queria surrar Ana Luiza até que sangrasse e queria acima de tudo parar de escutá-los. Era um suplício escutá-los! E a voz que não saía e o cansaço e a sensação de não ter feito nada certo: ter esquecido as chaves, ter perdido a voz, ter amado pouco, não ter tido filhos, não, não, não. Me lembrei de uma arma que eu tinha encontrado à beira de um terreno baldio depois de um enfrentamento entre traficantes e a polícia. Eu a tinha escondido atrás do tanque. Peguei-a, fui até a janela do quartinho, apontei para os dois sem-vergonhas e apertei o gatilho, mas não senti o coice da arma. Sentei-me sobre flores do canteiro com a

pistola sem balas entre as mãos e enxuguei os olhos na manga do paletó. Eu não escutava mais nada. O mundo estava em silêncio, enfim.

Apresso o passo para continuar observando o casal e, chegando perto da esquina, vejo a sombra dos dois. Contenho o passo. Merda, maldita surdez. Não os ouço mas quero ouvi-los, intimamente gostando da excitação que o casal me proporciona. Dobro a esquina e consigo vê-los novamente. Ela, deitada na calçada imunda, com as roupas rasgadas e tentando sair dali; ele, por cima, metendo nela, currando a moça. Ela me vê e ensaia um sorriso desesperado. Ele vira-se e estaca as investidas. A sensação é a de que os dois esperam pela minha reação: ele assustado, ela aliviada. Sinto uma preguiça tremenda e apenas digo, ou penso ter dito, pois nem minha voz consigo escutar:

– Faça um bom trabalho, meu velho.

E caminho para casa, acariciando meus bagos. O jornal antes da novela, não posso perdê-lo.

¹ João Luiz Peçanha Couto. Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Pesquisa: O real e o ficcional em perspectiva: o saber restaurado - Faulkner e Adonias Filho numa análise blachotiana.